



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



Danúbia Pereira da Silva

**Entre o pessoal e o social: uma leitura do conto “O Legado”, de
Virginia Woolf.**

**MAMANGUAPE/PB
2020**

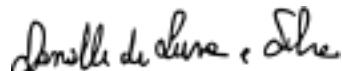
Danúbia Pereira da Silva

Entre o pessoal e o social: uma leitura do conto “O Legado”, de Virginia Woolf.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras — Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça – UFPB
Orientador



Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Profa. Dra. Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
Novembro de 2020

Entre o pessoal e o social: uma leitura do conto “O Legado”, de Virginia Woolf.

Resumo:

O principal objetivo deste artigo é ilustrar a condição feminina no século XX, tendo como exemplo e foco central a personagem Angela do conto “O Legado” da escritora inglesa Virgínia Woolf (1882-1941). Esta personagem sofre um processo de controle por parte de seu marido Gilbert Clandon, bem como de seu amante B.M. Ambos procuram de alguma forma regular o destino de Angela de acordo com os parâmetros vigentes de uma sociedade organizada a partir de uma perspectiva patriarcal.

Palavras-chave: Literatura e sociedade, Patriarcado; Virgínia Woolf.

Abstract:

The main objective of this article is to illustrate the female condition in the 20th century, having as an example and central focus the character Angela, from the short story **The Legacy** by the English writer Virgínia Woolf (1882-1941). This character undergoes a process of control by her husband Gilbert Clandon, as well as by her lover B.M. Both seek in some way to govern Angela's destiny according to the prevailing parameters of a patriarchal-organized society's perspective.

Keywords: Literature and society, Patriarchate; Virginia Woolf.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância do papel feminino em uma sociedade ainda muito patriarcal. Para isso, iremos evidenciar a condição da personagem Angela do conto “**O Legado**”, de Virgínia Woolf, em sua relação pessoal, primeiramente em um casamento conturbado e fracassado com Gilbert Clandon, um homem autoritário e manipulador. Em seguida, quando Angela se relaciona com B.M., esse novo envolvimento emocional também é perturbado quando seu amante tenta impor os destinos de suas vidas. Além dessa relação pessoal, também será destacada a relação social de Angela ao sair de seu conforto material para encontrar a realidade dos pobres de sua cidade.

Ao iniciarmos nosso trabalho, mostraremos a figura destacada do modernismo literário do século XX e pioneira do feminismo, Virginia Woolf, que viveu através das suas obras. Nessa perspectiva, mostraremos a condição feminina representada na literatura do século XX, através de uma análise do conto “O Legado” de Virgínia Woolf, onde poderemos identificar o papel da mulher daquela época; uma mulher que deveria ser submissa ao marido e eram citadas apenas por serem boas esposas, para cuidar da casa, marido e de filhos.

Ao chegarmos no momento de análise do conto propriamente dito, focaremos na relação contratual que Angela estabelece com Gilbert Clandon, subjugada por um processo de manipulação que aceita os termos contratuais da união matrimonial com Gilbert, e como este processo lhe é desconfortável. Ela sofrerá um novo processo de manipulação pois B.M pedirá para que deixe sua zona de conforto ao lado de Gilbert para viver o seu amor com ele.

Como apoio teórico de nossa análise, recorreremos a Candido (2006), Xavier (1994) e também Zacarias (2006) que discutem os diversos aspectos sociais que envolvem a elaboração artística e literária em seus diferentes momentos históricos e sociais.

Uma justificativa para a escolha deste conto e deste tema seria de um motivo pessoal, pois eu, como mulher, tentei colocar-me no lugar de Angela, e isso me fez querer conhecer e ir mais além sobre a condição feminina. Através desta pesquisa pude entender e compreender que o empoderamento feminino

está na possibilidade de escolha das mulheres, escolhas essas que não dizem respeito ao consumo, mas à vida profissional e pessoal de cada uma, que também nenhuma delas deverá sentir-se culpada por quererem mais respeito, deixando para trás qualquer motivo que as façam se sentirem desconfortáveis ao terem atitudes, seja profissional, seja pessoal e até mesmo politicamente. Assim poderão conquistar um papel igualitário na sociedade, com confiança e maturidade.

I. Virginia Woolf e sua obra: visão panorâmica

A escritora Adeline Virgínia Woolf nasceu em 25 de janeiro de 1882, na cidade de Londres, Inglaterra. Foi apresentada ao mundo literário ainda muito jovem e teve uma boa educação, com excelentes professores que a ensinava em sua própria casa. No ano de 1915, iniciou na literatura com o romance **The voyage out**, tornando o ponto de partida para sua carreira como escritora.

Aos 13 anos, ficou órfã de mãe, sendo esta sua primeira grande experiência com a morte. Em 1904, com a morte do pai, mudou-se com seus irmãos para o bairro londrino de Bloomsbury, onde residiam escritores como E.M. Forster, T.S. Eliot e Bertrand Russel. No ano seguinte, um de seus irmãos veio a falecer, levando Virgínia Woolf a entrar em profunda crise nervosa. Tais crises agravaram-se ainda mais durante a guerra, e com sérios problemas de depressão, Woolf se suicidou com 59 anos de idade, perto da sua casa de Rodmell na Inglaterra, no Rio Ouse no dia 28 de março de 1941.

Virginia Woolf viveu através das suas obras, usando a escrita para abordar temas como a neurose, a guerra e o cotidiano, além, claro, de fazer críticas sociais às políticas sexistas, machistas e preconceituosas da Europa naquela época.

O conto “O Legado” (*The Legacy*) é considerado um dos textos originais da autora, sendo parte da coletânia titulada **Uma casa Assombrada (A haunted house and other stories)**. Apartir de outra coletânia de contos **segunda ou terça- feira (Monday or Tuesday, 1921)**, a única do gênero anunciada pela autora ainda em vida, Leonard, seu espeoso, publica outros textos originais ou que tinham sido lançados em jornais ou revistas entre anos 1922 a 1941. Essa coletânea engloba alguns de seus contos mais conhecidos, apresentando uma mistura de narrativas construídas ainda nos moldes tradicionais, como é o caso do conto “O Legado”, ou em estruturas mais ousadas tecnicamente, como pode-se observar nos contos **A marca na parede** que já apresenta a utilização de estratégias narrativas como fluxo de consciência e a não-linearidade do

enredo, que marcam seus romances da maturidade.

Entretanto, seja nessas narrativas, ditas mais inovadoras, ou mesmo naquelas considerados como mais tradicionais, Virgínia Woolf segue tomando como base um dos princípios fundamentais de seu projeto literário: o conhecimento do ser-humano em toda sua complexidade.

Ao leremos suas narrativas, mergulhamos em seus anseios, em suas ansiedades, seus temores mais profundos e seguimos suas complexas tomadas de decisão diante da vida e da experiência, momentos estes de uma epifania autêntica.

Para a escritora, assim como dizia Shakespeare, a vida se passa como em palco de teatro, ora trágica, ora cômica. Ali somos todos personagens, vivendo enredos entrelaçados em diversas combinações. A vida e a existência se tornam, portanto, a sua grande matéria-prima de escrita.

Como antecipamos anteriormente em nosso texto, Virgínia Woolf foi considerada uma grande escritora de língua inglesa, com algumas características marcantes em suas obras, especialmente em suas técnicas narrativas, dando um novo estilo a cada narrativa, seja ela romance ou contos. Embora seus primeiros livros publicados possuíssem uma estrutura tradicional, pouco a pouco suas narrativas se impuseram com forte criatividade, sendo alvo de críticas, não só pelas questões estéticas, mas também pelos temas sociais ali abordados.

Woolf foi conhecida como grande expoente da escrita literária, e contribuiu muito ao abordar questões femininas/feministas como ensaísta também. Em **Um Teto Todo Seu** debateu diversos questionamentos, por exemplo, ao que seria necessário para que uma mulher escrevesse ficção. Ao destacar as mulheres como motivo propulsor para muitas de suas obras, Woolf é reconhecida como precursora do debate sobre o lugar da mulher na sociedade e na literatura, pelo simples fato de que as mulheres, desde sempre, não foram bem tratadas socialmente e, portanto, não retratadas como deveriam pelos escritores e romancistas homens.

Além de romances e contos, Virgínia Woolf escreveu alguns artigos e ensaios críticos, como **A arte da biografia**, que apresentam argumentos da experiência feminina frente à realidade cotidiana. Ela deixou claro que as mudanças sofridas pela literatura de autoria feminina na virada para o século XX buscaram meios de criar sua própria estética feminista. No seu caso em particular, uma de suas estratégias foi explorar o fluxo de consciência como técnica para apresentar os anseios e desejos da mulher frente à

sociedade.

Vemos assim que o legado crítico de Virgínia Woolf teve um papel imprescindível para literatura modernista, permitindo novas formas de fazer ficção. Some-se a isso o fato de que Virgínia Woolf, além de outras escritoras, conseguiram fazer da literatura uma arma contra o silêncio imposto às mulheres, criando editoras, revistas, reivindicando seus direitos e tomando destaque também nos lugares políticos.

Em um dos contos mais conhecidos de Woolf, “O Legado”, tentaremos apresentar como sua protagonista se esforça para encontrar seu espaço em sociedade ao enfrentar conflitos pessoais diante de restrições sociais marcadas por uma orientação patriarcal.

Antes de considerarmos a análise desse conto, conheçamos primeiramente um pouco de seu enredo. É o que faremos a seguir.

II. “O Legado”: um breve resumo.

O conto “O Legado” relata a história de Angela Clandon, uma jovem senhora casada com Gilbert Clandon, homem manipulador e egoísta.

Inicialmente, vemos que Angela, ainda muito jovem, vivia deslumbrada em seu casamento com um homem que considerava praticamente um sábio, enquanto ela se dependente desta sabedoria. Passado esse deslumbramento inicial do casamento, percebemos a inquietação e insatisfação de Angela com a vida que ela está levando ao lado de Gilbert; um influente político do parlamento inglês que se achava no direito de exigir de sua esposa dedicação exclusiva e fidelidade pelo fato de que ele a oferecia uma vida de status e conforto, pensando talvez que seria isso o suficiente pra fazer aquela mulher feliz e realizada.

Com o passar dos anos, ela começa a se sentir solitária, embora tivesse ao seu lado Sissy Miller, secretária particular que ajudava Angela em algumas tarefas da casa, bem como de pequenas burocracias de Gilbert Clandon. Sissy Miller também era amiga confidente de Angela, pois a via não apenas como funcionária. Com seu jeitinho discreto, Sissy Miller conquistou a confiança da patroa e amiga; tão digna de confiança que Angela a revelava seus segredos. Com sua secretária, Angela dava grande “apoio técnico” a seu marido, que aos poucos tornava-se um político proeminente. As duas ajudavam-no muitíssimo em sua carreira.

Porém, Angela queria algo mais, e esse desejo a fez pedir permissão ao marido para trabalhar como voluntária junto a uma comunidade socialmente carente, ao que Gilbert consentiu, embora não aprovasse de todo aquela ideia. Depois de algum tempo nessa nova atividade fora de casa, começa a se relacionar emocionalmente com alguém de nome nunca explicitamente divulgado no conto, era conhecido apenas pela as iniciais B.M.

Infeliz em seu casamento de fachada, Angela via em B.M. a porta de saída daquela vida submissa aos caprichos pessoais e políticos de seu marido. Seus encontros com B.M. vão se tornando cada vez mais frequentes. Com ele, Angela conhece uma realidade completamente diferente daquela à qual estava acostumada; ela passa a conhecer um mundo de mazelas e sofrimentos da maioria das pessoas de classe baixa, uma vida que não conseguira enxergar quando vivia por trás das cortinas de luxo e conforto com Gilbert e seu meio aristocrático e preconceituoso.

O que para Angela parecia, em princípio, um preenchimento para o vazio de seu cotidiano, pois aprendeu sobre política e sociedade de uma perspectiva mais “democrática” junto a B.M., pouco a pouco, novos problemas se lhe apresentaram ao se envolver emocionalmente com B.M., a ponto de B.M. lhe exigir que ela fizesse uma “quebra de contrato” com o marido e fugisse daquela vida luxuosa pra viver com ele, não apenas o seu amor romântico, mas também o seu amor e luta pela causa dos oprimidos. Angela tentava muitas vezes argumentar com B.M., mas ele insistia na ideia de fuga dos dois para longe dali.

O conto nos mostra que Angela deixa de presente para seu marido, em forma de diário, toda essa experiência e aventura. Após ler e conhecer toda verdade sobre ela e B.M., descobrimos juntamente com Gilbert que B.M., por entender que Angela não aceitaria fugir com ele, suicida-se, deixando Angela triste e desapontada. Ela não viu outra saída e tira sua própria vida, indo ao encontro de seu grande amor B.M.. Desconfiado de quem seria o tal B.M., Gilbert liga para sua ex-secretária, Sissy Miller, que lhe revela ser B.M. o seu irmão.

Gilbert Clandon, que observava a sua esposa sempre escrevendo em seu diário, e algumas vezes tentou ler, mas Angela nunca o permitiu, só após a morte da esposa recebe de presente o seu legado: com o diário em suas mãos, ele passa a conhecer assim a vida de sua esposa, toma consciência de seu verdadeiro papel no casamento, sentindo-se, talvez, culpado e envergonhado por ter sido tão egoísta na sua relação matrimonial.

III. Inter-relação Literatura e Sociedade: algumas anotações.

No capítulo “Literatura e a vida social”, Candido (2006) pretende focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos. Segundo ele, do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem uma permanência insatisfatória devido à falta de um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar ao arbítrio dos pontos de vista. Ainda assim, acreditamos que a linha teórica na interface literatura/sociedade, e com as contribuições de Candido são importantes para nosso trabalho, razão pela qual a adotamos aqui

Diz Candido que “o primeiro cuidado nos dias de hoje é delimitar cuidadosamente os campos e fazer perceber que a sociologia não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos mais pontuais.” Diante disto, Candido coloca duas questões importantes: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? E qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (2006, p. 28).

Considerando estas duas questões, vemos que a vida e obra de Virginia Woolf dialogaram muito bem com a sociedade de sua época, com ecos muito expressivos ainda no século XXI, uma vez que seus escritos, tanto os ensaios, quanto os romances e contos, discorrem sobre os anseios da mulher numa sociedade que ainda se mostra muito patriarcal. Mesmo assim, embora com um conteúdo político, motivado pelas suas próprias inquietações como mulher, Woolf não deixou de investir no gênero literário propriamente dito, enriquecendo a linguagem de ficção com inovações técnicas inovadoras. Mas essa conquista não foi tão fácil, já que ela e seu esposo, Leonard Woolf precisaram criar sua própria editora, já que muitas editoras de sua época não estavam tão dispostas a abraçar sua temática e suas inovações. Em síntese, a contribuição de Woolf se afina à estrutura social, aos valores e ideologias e às técnicas de comunicação artística; conformando-se assim ao que diz Candido: “Os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua transmissão” (2006, p. 31). Falamos no parágrafo anterior sobre o destaque de Virginia Woolf como pessoa na sociedade inglesa e demais sociedades, e neste aspecto Candido pontua que não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, porque sociologicamente a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, interessando ao sociólogo. A arte pressupõe algo diferente

é mais amplo do que as vivências do artista. A obra vincula o autor ao público, pois é o público que dá sentido e realidade à obra, pois sem ele o autor não se realiza, deixando-o dependente estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição.

Quanto à obra, Cândido nos chama a atenção para “o influxo exercido pelos valores sociais, que nela se transmudam em conteúdo e forma” (2006, p. 40), pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contato indispensável. Ele arremata dizendo: “Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor- público” (2006, p. 48).

Ainda seguindo na mesma esteira do binômio literatura e sociedade, Cândido acrescenta que “as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio” (2006, p. 48). A obra depende dos recursos técnicos para incorporação de valores propostos. Como exemplo, há a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Isto parece ser bem conveniente aqui quando temos em mente o corpus que escolhemos analisar: trata-se de um conto, como anunciamos no início deste trabalho, mas dentro desta narrativa Woolf delega à sua protagonista contar a sua própria história por meio de seus diários. O gênero ‘diário’ é comumente compreendido como de escrita feminina, uma escrita íntima de tom confessional. Neste sentido, Woolf em “O Legado” intenta dar evidência e legitimidade social a esse gênero textual, no meio de uma sociedade literária predominantemente de homens. Ironicamente, o primeiro leitor desses diários em “O Legado” é seu esposo, Gilbert Clandon, cujas reações à forma e conteúdo dessa narrativa pretendemos apresentar posteriormente neste trabalho.

Continuando com nossas “anotações”, Cândido, ao se reportar às sociedades primitivas, esclarece que “é menos nítida a separação entre o artista e os receptores, não se podendo falar muitas vezes num público propriamente dito” (2006, p. 44). Ele diz ainda que,

À medida, porém, que as sociedades se diferenciam e crescem em volume demográfico, se pode falar em público diferenciado, no sentido moderno. Mas, enquanto numa sociedade menos diferenciada os receptores se encontram em contato direto com o criador, tal não se dá em nosso tempo, quando o público não constitui um grupo, mas um conjunto informe (2006, p. 44).

Dando sequência ao seu argumento, Cândido ressalta agora a influência de um fator sociocultural, a técnica, sobre a formação e caracterização dos públicos. No caso da literatura, as manifestações primitivas se ligam necessariamente à transmissão imediata, por contato direto. A invenção da escrita (para o caso da literatura) mudou esta situação, abrindo uma era em que foram tendendo a predominar os públicos indiretos, de contatos secundários e que adquiriram ímpeto vertiginoso com a invenção da tipografia.

Entende-se que para Cândido a criação de obras deve estar sempre evoluindo, pois é através dela que os meios comunicativos conquistam grandes evoluções na sociedade e também no comportamento individual e seguindo esta teoria, Cândido ainda deixa claro que a posição social possue aspectos estruturais no meio comunicativo da sociedade. Sendo assim o artista deve ser um instrumento de comunicação social.

Já o público em geral possui um comportamento totalmente diferente, uma influência social que é destacada de valores, moda, gosto, escolhas, opiniões sejam elas críticas construtivas ou não, contribuindo também para as diversas expectativas sociais.

Destaca-se que o amante da arte sofre diversas arbitrariedades, pois é exatamente através do público que pode-se avaliar uma obra pois ele é quem expressa gostos, moda e opiniões. Sem público a obra não existe, como também sem obra não teremos público interligando obra-artista. E por fim, o artista tem o compromisso de conquistar o público. É nesta constante permanência de relações, que se destaca importantes elementos de comunicação artística na sociedade, pois ambos elementos que dão vida e realidade das obras.

Quando consideramos que no conto “O Legado” Gilbert Clandon, ao ler cada um dos diários que Angela escreveu, ele se torna, dentro da narrativa, este “público” que é convocado a fazer críticas ao que ali se encontra revelado, o mais mágico em relação a essa leitura curiosa de Gilbert é o fato de ele se ver julgado pela “autora” Angela, em um jogo de revelações que o levarão a questionar seus valores pessoais, familiares e sociais, como teremos oportunidade de demonstrar no capítulo de análise que se segue. De alguma forma, podemos concluir que Gilbert Clandon está para esse público de que fala Cândido e com quem Woolf pretende estabelecer um debate que faça revisar valores tradicionais ultrapassados, principalmente aqueles relacionados a condição e posição da mulher na sociedade, inclusive a literária.

Em suma, segundo Antonio Cândido, é certo afirmar que do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, se pressupõe o jogo permanente de relações

entre os três elementos fundamentais da comunicação artística. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

IV. Angela e seus conflitos: entre o pessoal e o social.

Parte 1: breve percurso da mulher e sua função na sociedade.

Antigamente era função da mulher casar-se, ter filhos e ser uma boa esposa. Sendo submissa ao homem, ela era excluída de uma vida social mais ativa pois eram criadas para obedecer. As mulheres também eram excluídas de funções públicas, assumindo sempre o papel submissa e governadas sempre pelo pai primeiramente, depois pelo marido ou sogro, e, na ausência destes, até pelo irmão, ficando sempre em segundo lugar no espaço a qual ela estivesse ocupando socialmente. Jamais eram vistas como profissional independente, a não ser como “rainhas do lar”, como ainda, ironicamente, são chamadas.

No Egito, por exemplo, uma mulher era desvalorizada em tudo, sendo obrigada a dedicar-se exclusivamente ao marido e dar-lhe filhos homens que seriam os sucessores faraós.

Na Grécia, as mulheres não podiam nem se quer frequentar a pôlis, pois eram impedidas de ter acesso ao conhecimento; e se a ordem fosse desobedecida, eram queimadas em fogueiras, como aconteceu com as camponesas, apenas por terem conhecimento de ervas duradouras.

No Egito, Grécia e milhares de outras sociedades, além de boa esposa, seria bem vista também se fossem férteis, para que assim elas pudessem ter muitos filhos, os quais deveriam se dedicar invariavelmente. Em muitas situações, ter “filhos homens” era não apenas desejável, mas quase uma obrigação.

As mudanças neste cenário aconteceram muito lentamente ao longo da história. Como nos diz Zacarias: “Na Inglaterra na década de 1880, os maridos foram legalmente proibidos de encarcerar suas esposas quando elas se negavam a praticar relações sexuais, bem como foram restringidas em seu patriarcal direito de violência física” (Zacarias. 2006, p. 56). A mudança à condição feminina começa a surgir na França no século XVIII: com a Revolução Francesa, começam os questionamentos aos direitos e ao papel da mulher na sociedade, deixando-as mais confiantes e com liberdade suficiente para serem

capazes de perceber que são seres humanos com deveres, mas com direitos também.

Foi em 1992 que no Brasil as mulheres conquistaram direitos sobre o estado civil e o divórcio, contestando os direitos de autoridade paternal, abrindo- se brechas em prol aos direitos femininos e contra a visão dos machistas de poder incondicional sobre elas. Através dessa transformação, as mulheres aos poucos foram conquistando espaço na sociedade para além das portas de seus lares; agora não eram vistas apenas como mãe e esposa, mas também como profissionais competentes, que além de cuidar da família, poderiam trabalhar e estudar, e se profissionalizar, sendo capazes de mostrar a sua importância na sociedade, sentindo assim liberdade para fazer suas próprias escolhas.

Muitos dos preconceitos relacionados a uma suposta inferioridade das mulheres procurava-se sustentar numa concepção de sexo e gênero. Sabemos que os termos “gênero” e “sexo”, vem de uma acepção gramatical, designando indivíduos de sexos diferentes (masculino \feminino). Mais tarde, por meio de uma literatura feminista esses termos puderam ser discutidos e compreendidos melhor: “gênero” enfatiza a noção da cultura situada numa esfera social, já “sexo” situa-se no plano biológico, assumindo um caráter intrinsecamente relacionado do feminino e do masculino.

Nessa esteira, fala-se ainda sobre escrita feminina, que pretende apresentar formas literárias do feminismo. Entre algumas posições controversas, XAVIER (1994, p. 87) diz que a “... a narrativa produzida por mulheres, em sua maioria, traz a marca do sexo de suas autoras, pois elas apresentam em suas obras conflitos inerentes à condição feminina”. A preferência pelo gênero literário memorialístico ou autobiográfico seriam exemplos dessa escrita feminina. Virginia Woolf, por exemplo, é considerada uma escritora com marcas literárias do feminino. Através dessas marcas, Woolf põe em destaque os conflitos por que passam as mulheres com dilemas que oscilam entre uma realização pessoal e enfrentamentos sociais.

Vejamos em seguida como esses dilemas acontecem e são lidados pela protagonista de “O Legado”, Angela Clandon.

Parte 2: Gilbert e B. M. se impõem à individualidade de Angela.

No conto “O Legado”, percebe-se que Angela sofreu um processo de manipulação do começo ao fim de sua trajetória. No começo ao casar se com Gilbert Clandon, um influente político do parlamento inglês, ela é manipulada por ele, manipulações que aconteciam devido a relação contratual do matrimônio estabelecida entre os dois, porém

com regras patriarcais. Gilbert Clandon não tinha a devida consideração por Angela, colocando-a em segundo plano aos seus próprios interesses. Aparentemente, demonstrava uma relação perfeita aos olhos da sociedade, exibindo sua beleza e aproveitando de sua igenuidade para se mostrar sobreeando e prestigiado. Diante de sua educação, habitual entre as mulheres de sua época, e também pelo conforto e status adquirido, Angela parecia se sentir na obrigação de aceitar todas as injunções de seu esposo, dedicando-se exclusivamente a ele, sendo impedida de viver sua própria vida. Em troca dessa vida opressiva, Gilbert oferecia à esposa, viagens, joias, jantares e toda comodidade. Para que assim, ela fosse fiel e se dedicasse somente a ele, por respeitar normas e valores na sociedade a qual viva. Assim, Angela aceitava suas manipulações.

Vejamos um exemplo disso na seguinte passagem do conto: "Pois Angela tinha sua parte dos deveres que pertencem à esposa de um proeminente político. Ela havia sido a maior ajuda para ele em sua carreira." (WOOLF,1984, p.155).

Após inquietar-se e não mais se satisfazer com tais papéis, Angela começa a conhecer a sentir o peso da responsabilidade que representam tais valores. Sentindo-se sufocada pelas obrigações as quais foram impostas a ela ao casar-se com Gilbert, aos poucos ela percebe que sua liberdade está cada vez mais restrita, sendo-se obrigada a cumprir com seus deveres de esposa, mesmo que isso lhe cause angustia e solidão.

A dominação patriarcal de Gilbert sobre Angela chega a tal nível, que a faz sentir-se culpada por ser incapaz de dar filhos ao seu marido. Ela se responsabiliza por não cumprir com algo proposto no contrato. Vejamos uma citação do conto como afirmação: "causara-lhe grande desgosto, como era natural, o fato de não terem filhos. (...) Eu adoraria dar filhos a Gilbert. Estranhamente, ele próprio jamais lamentara essa falta" (WOOLF,1984, p.158).

É exatamente através do seu "legado"/diário, distribuído em 15 volumes, que Angela deixa de presente a Gilbert, e que ele descobre, que sua esposa vivia sufocada com o contrato patriarcal, entretanto ele não se culpa por seu casamento ter fracassado, pois no seu ponto de vista, ele não infringiu nenhuma cláusula do contrato.

Com o passar do tempo, ela descobre-se útil, começando a realizar trabalhos voluntários com pessoas pobres e necessitadas. Essa nova experiência permite a ela ter contato com pessoas experientes e a faz viver novas realidades, que aos poucos vão tomando conta das páginas do seu legado. Ela reconhece que esse novo estágio representa a sua liberdade, mas sabe também que, pouco a pouco, ela comete infrações ao tipo de

postura que uma mulher de um grande político deveria ter.

É neste momento que a narrativa tem uma reviravolta surpreendente: uma nova figura, da qual conhecemos apenas por B.M., surge na vida de Angela.

B.M., como era chamado por Angela em toda a narrativa do diário/legado, era um intelectual de esquerda com quem Angela começou uma nova relação de amizade, apresentando a ela uma realidade completamente diferente da qual ela vivia ao lado de Gilbert. B.M. apresenta-lhe um mundo das mazelas e sofrimentos das pessoas mais carentes, representando um choque da realidade, uma verdade encoberta, escondida de seus olhos, mas que lhe ensina valores sinceros, como podemos conferir na seguinte passagem: "Eu e B.M. discutimos aceleradamente acerca do socialismo (...) B.M. fez um violento ataque às classes privilegiadas...Depois da reunião, a pé com B.M. e procurei persuadi-lo. Mas é muito intransigente" (WOOLF,1984,p.160).

Percebe-se que as iniciais B.M. vão se tornando cada vez mais frequentes nas páginas do diário de Angela, deixando a entender que a amizade entre eles vai muito além do esperado para uma mulher casada. Ambos, se envolvem sentimentalmente, tornam-se amantes, e assim Angela se submete a um novo contrato no qual o homem exerce comando no rumo do casal. Observamos esse fato a medida que B.M. a influencia a tomar certas desíções, com relação aos seus (dele) próprios interesses, por exemplo, quando exige que Angela dê um ponto final no casamento com Gilbert para fugir com ele, como se observa na seguinte passagem: "Procurou de novo. Disse-lhe que não tinha chegado a decisão alguma... Supliquei que me deixasse. Ela a coagiria aqui nesta mesma casa" (WOOLF,1984, p.162).

Desta forma, Anglea mais uma vez torna-se vítima de manipulação, com intimidações, sendo ameaçada em um jogo de chantagem, o que leva a um desfecho trágico ao final da história.

Após muito insistir, para que sua amada deixasse sua vida de conforto e vivesse ao lado dele, ela não foi capaz de tomar tal atitude, devido aos conceitos, normas e valores da sociedade na qual vivia. B.M. silenciou-se deixando Angela aflita e confusa. B.M. infelizmente foi capaz de tirar sua própria vida, deixando Angela completamente desesperada, essa tragédia a fez sentir-se culpada, pois ele já havia ameaçado fazer isso dias antes, caso Angela não fugisse para viver com ele. Dias depois, Angela descerá ao meio fio de uma calçada de forma desesperadora, jogando-se em frente a um carro, perdendo sua própria vida, porém libertando-se da vida opressiva que tinha com Gilbert, indo de encontro com seu amado B.M. No conto "O Legado", a morte adquiriu um valor

relativamente positivo na narrativa.

Nota-se, que o conto “O Legado” destaca a condição feminina de Angela, personagem central desta narrativa, vivida numa época em que as mulheres eram educadas para casar, ser boa esposa, cuidar da casa e dos filhos, onde eram obrigadas a cumprir a tarefa de esposa “perfeita”, sempre ao lado dos maridos, apoiando-os em tudo. As mulheres sofriam diversos tipos de preconceito e julgamento numa sociedade na qual elas eram submissas, pois muitas vezes não podiam nem frequentar escola. Sobretudo seus direitos e obrigações eram seguir normas e valores pré-estabelecidos, sendo impossibilitadas de usufruir liderdade, direitos sociais e políticos; ou seja, de terem uma identidade própria.

Considerações Finais:

Em resumo, o conto “O Legado” nos mostra a forma de vida submissa vivida por Angela ao lado de seu marido, Gilbert Clandon; aparentemente um bom esposo que fazia quase tudo para agradar a sua esposa. Ele aparentemente amava Angela, porém sua vida profissional e política foi se tornando prioridade, e isso fez com que ele fosse ficando cada vez mais distante de sua esposa. Com o passar do tempo, Angela começou a sentir-se muito sozinha, distanciando-se cada vez mais sentimentalmente de seu marido.

Para sentir-se útil, Angela pediu permissão ao marido para que ela fosse trabalhar no East Side, e ele consentiu, embora não gostasse do fato de ela se misturar com pessoas de uma classe inferior. Como ela era uma mulher meiga e inteligente, foi tornando-se uma pessoa pública neste bairro pobre de Londres e ali foi capaz de expressar suas ideias e admitir outras.

A mudança de comportamento de Angela foi muito além das obras sociais. Através desse trabalho, Angela passou a ter maior convívio com outras pessoas, em especial por um homem conhecido apenas por B.M. Com essa nova amizade, a saída dos dois foi ficando cada vez mais frequente, e ela pode assim descobrir não apenas uma certa liberdade social, mas também conhecer as dificuldades de uma realidade social bem diferente da sua. Vejamos um exemplo disso: "B.M. contou-lhe a história de sua infância. A mãe dele vivia de biscates... Quando penso nisso quase não suporto continuar vivendo neste luxo... Três guinéus por um chapéu!" (WOOLF,1984,p.161).

Porém, com a presença carionhosa de B.M., Angela conseguiu descobrir- se uma

mulher capaz de amar e ser feliz com este homem, que, aos poucos, foi preenchendo o vazio da solidão sentimental e existencial vivida por Angela.

Conhecemos a história de Angela, juntamente com Gilbert Clandon, por meio do seu diário. Ali Angela revela toda a sua história ao seu marido que só consegue ler o diário após a sua morte. Após receber “de presente” o diário, Gilbert começa a leitura do legado da esposa, conhecendo, não apenas o que dissemos anteriormente, mas outros diversos detalhes tais como o tipo de sentimento descrito por ela no decorrer da leitura, começando por falar de sua fiel amizade com a sua secretária Sissy Miller. Outra revelação importante no diário de Angela foi o sentimento tão forte e intenso o qual ela demonstrava por B.M., homem que aos poucos foi conquistando o coração dela pela sua inteligência e compaixão que ele tinha pelas causas sociais, como se pode observar com a seguinte passagem: "Fui com B. M. para a torre de Londres. Ele disse que a revolução está prestes a vir. . . Ele disse que vivemos no paraíso dos tolos. Esse era exatamente o tipo de coisa que B.M diria e Gilbert podia ouvi-lo." (WOOLF,1984, p.163).

Mas, como dissemos, ela também se apaixona por ele. A jovem mulher, no entanto, não seria capaz de trair Gilbert, pois como era uma mulher educada segundo os preceitos e rigores de sua época, jamais mancharia sua reputação. Angela deveria ser fiel a seu casamento e respeitar seu marido. Teria ela coragem de deixá-lo e viver seu amor ao lado B.M.? Esse conflito deixava Angela mais aflita por conta de B. M. exigir dela uma posição definitiva.

B.M., que também amava Angela, sabia que ela não seria capaz de abandonar seu marido. Impossibilitado de viver seu grande amor com Angela, B.M. desiste de viver, e cumpre a ameaça feita por ele tirando sua própria vida. Essa tragédia fez com que Angela tomasse uma atitude igualmente drástica e sem volta: sentindo-se, talvez, culpada pela morte de seu amado, Angela desce o meio fio de calçada, joga -se em frente de um carro, usando sua morte como forma de escape da vida infeliz a qual vivia com Gilbert. Morreu para ir ao encontro do seu verdadeiro amor.

“O Legado” de Virgínia Woolf destacava a condição feminina do século XIX, sendo capaz de grandes reflexões a respeito da vida e da sociedade daquela época.

Referências:

- BRAIT, Elisabeth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. pp. 13-49.
- KARAWEJCZYK, Mônica. “Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível”. Revista de História e Estudos Sociais Fênix, [PU- CRS] Rio Grande do Sul, vol. 4, ano IV, n. 4, 2007. Disponível em:<http://www.revistafenix.pro.br/pdf13/secao_livre_artigo_8monica_karawejczyk.pdf>. Acesso em: 28-02-2017.
- NEVES, Caroline Resende & NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. “Virginia Woolf e seu papel como crítica literária”. IPOTESI, JUIZ DE FORA, v. 23, n. 2, p. 28-38, jul./dez. 2019.
- SILVA, Cristiane Rodrigues de Almeida. A condição feminina revisitada em o legado de Virgínia Woolf e em Madame Bovary de Gustavo Flaubert |Cristiane Rodrigues de Almeida Silva.-Guanabira:UFPB, 2013.
- SILVA, Josenildo Ferreira Teófilo da silva\A questão da manipulação do sujeito Angela no conto “O Legado”, de Virgínia Woolf:uma análise semiótica.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- XAVIER, Elóida. “A narrativa de autoria feminina: ontem e hoje”. IN: FUNCK, Suzana Bornéo (Org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC. 1994.
- ZACARIAS, Gabriel Ferreira. “Orgulho e Desigualdade”, 2006. Disponível em: www.historiaviva.com.br. Acesso em 17 de março de 2020.
- Literatura e Sociedade <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Ya7oVQa2d70J:https://joaocamilloppenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf+&cd=3&hl=en&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>